

A Relação Mestre-discípulo e a Educação no Reino Visigodo

Nesta comunicação temos por objetivo retomar um dos principais elementos de nossa dissertação de mestrado: a relação mestre-discípulo. Com objetivo de dar continuidade a pesquisa empreendida na dissertação, pensando em um futuro doutorado, retomaremos o entendimento desta relação, visando aprofundar a leitura sobre o seu papel na estruturação do episcopado e sua importância na educação durante a primeira metade do século VII no reino visigodo.

Apresentação

Esta comunicação é o primeiro passo de uma nova jornada que eu espero que o final seja a defesa do doutorado, mas, por enquanto, a fase é de preparação. Sendo membro do Programa de Estudos Medievais e orientando da professora Leila Rodrigues desde 2001, e fui alçado ao título de mestre aproximadamente há um ano pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada

No mestrado minha pesquisa teve como principal foco sobre a educação no século VII no Reino Visigodo. Para tal, analisamos o papel do bispo Bráulio de Saragoça e sua atuação educacional relacionada a disputa do poder.

Para o doutorado pretendo ampliar esta visão analisando seu desenvolvimento ao longo do período em questão, época do auge e também que prenuncia seu fim, buscando analisar como a educação conforma e influencia as disputas pelo poder. Na busca por sofisticar esta visão, diversos elementos serão repensados e rediscutidos, sejam conceitos, análises de documentos, elementos teóricos.

Para iniciar esta perspectiva, entre os diversos fatores que compuseram minha pesquisa, escolhemos um dos que nos foram mais caros, que é a necessidade de entender o papel da relação entre mestre e discípulo na Igreja visigoda. A proeminência assumida por esta relação é tão intensa e marcante no episcopado que é o ponto de partida de nossa pesquisa para o doutorado.

Que relação é esta? De onde surge? Qual sua relevância durante a Alta Idade Média, em especial na Península Ibérica visigoda ao longo do século VII? São muitas questões em jogo, algumas serão apresentadas nesta comunicação, mas seu desenvolvimento ainda precisará, certamente, de muitas leituras de nossa parte.

As relações pessoais no reino visigodo no século VII, apresentam uma característica que o professor Mário Jorge Bastos (BASTOS, 2002. p. 26) sublinha como sendo fundamental, pois seria a característica que demarca o período como Idade Média. Explicando sua idéia o professor trata da configuração da sociedade visigoda em dominantes, detentores dos meios de produção e, por conseguinte, da cultura, representado pela aristocracia local e dominados, membros com característica servil no século VII. Sobre os primeiros vigora a constante necessidade de acordos pessoais em que o comprometimento se dava com o objetivo máximo em manter sua condição na sociedade.

Uma vez que concordamos com este posicionamento,¹ e deveria considerar a afirmativa da professora Aline Coutrot (COUTROT, 1998.) de que as igrejas são corpos imersos no tecido social e como tal reproduzem suas relações, e no século VII na Península Ibérica isto não é diferente. Nosso questionamento é como se reproduz este tipo de relação na Igreja, em especial no episcopado local.

Nossa leitura é que o episcopado visigodo envolto nas relações de poder local,² absorveram com grande intensidade múltiplas tradições presentes na sociedade, mas as repensam, reformulam e acabam sendo um importante grupo de difusão de elementos eclesiásticos, é seu poder simbólico sendo difundido.³

Sobre a transposição da importância da relação pessoal para o episcopado podemos ressaltar dois instrumentos: um documental, as cartas que disciplinam e demarcam as relações, dando voz aos seus interlocutores, e um processo ideológico difundido entre o episcopado e reproduzido para a sociedade no empreendimento da educação por parte dos bispos.

Resumindo, até por que estas conjecturas ainda precisam ser fortalecidas e fundamentadas em nossas futuras pesquisas, para o doutorado prosseguindo o estudo da educação, nossa idéia é principalmente reforçando que o episcopado está estruturado em torno das relações pessoais, mas que por sua característica de base discipular fortalecia o pertencimento institucional. Assim pretendo a partir de um eixo central, a educação realçar e analisar como se encadeava e transformava esta relação ao longo do século VII.

¹ Vale destacar que não com o posicionamento teórico, mas sim com o cerne da análise, marcando a força assumida por estas relações pessoais.

² Em especial na sua característica aristocrática, ainda que com um *habitus* compartilhado entre seus pares de características peculiares.

³ Partindo de referências do professor Hilário Franco e do professor Renan Frighetto, afirmamos que é uma via de mão dupla, uma vez que existe uma laicização do clero, encontramos na sua difusão um processo de cristianização da sociedade.

Como já foi dito, não estamos partindo de algo novo, para tanto é necessário apontar o que foi apresentado em nossa defesa e que novas reflexões vemos como desafio daqui para frente.

A Educação e a Relação Mestre-discípulo

Diante das transformações ocorridas entre o fim do Império Romano, o estabelecimento do reino visigodo e sua realidade no século VII, a Igreja Católica, na região da Hispania, tem a necessidade de se adequar à nova conjuntura sóciopolítica. Em busca do fortalecimento do seu poder frente à sociedade, a Igreja utiliza a educação como forma de difusão de seus referenciais, afirmando o seu principal e exclusivo bem: *a salvação*. (BOURDIEU, 2003).

A compreensão desse fenômeno requer, entre outras preocupações, a identificação e análise dos aspectos que compõem os sistemas educacionais visigodos demarcando seus espaços e características, como por exemplo: as escolas, a pregação e os aconselhamentos eclesiais.(RAINHA, 2007.)

Os processos educacionais empreendidos pelo episcopado visigodo podem ser explicitados na análise das relações pessoais de Bráulio, na observação da sua pregação, aconselhamento, e intervenções políticas. Seu posicionamento didático, como mestre, e atencioso, como discípulo, revela uma marca compartilhada pelo episcopado.

No discurso brauliano, que foi o principal apoio de nossa dissertação, encontramos um especial realce para o papel da relação mestre-discípulo. Este, além de ser o princípio educacional que rege as relações da Igreja, é posto também como um ideal para o corpo social, já que o episcopado apresenta-se como mestre natural e único capaz de conduzir a sociedade salvação.

Uma vez posta esta questão notamos que as relações de poder e educação estão intrinsecamente relacionadas, impossibilitando a análise da segunda sem o reconhecimento do papel de destaque da primeira. Daremos assim, enfoque especial sobre como, na argumentação episcopal, a Igreja é apresentada como um guia, um grande mestre a ser seguido, e ainda como em seu interior a disputa muitas vezes é pautada em referenciais especialmente educacionais.

Fruto da interação entre diferentes correntes de pensamento e fundamentações, que já abordamos no primeiro capítulo, a Igreja visigoda é um elemento híbrido e aglutinador no seio desta sociedade. Organizando-se sob referenciais dos novos tempos, marcado pela dominação

visigoda, ela busca de maneira constante e vigorosa afirmar sua longevidade, seu poder, que transcende ao deste mundo, e sua autoridade fornecida pelo próprio Deus.

Entre outros fatores, acreditamos que este papel foi assumido pela forma tomada pela educação durante o século VII. Escritos, discussões teológicas e cartas não deixam dúvida de que houve um movimento que marcou o incremento e a produção intelectual e uma clericalização de elementos daquela sociedade, que foram possíveis pelo ofício de professor incorporado pelos membros destacados do clero. Estes difundiram seus bens simbólicos, ensinando nos demais espaços sociais os valores empreendidos pela Igreja.⁴

Defendemos que a principal forma de divulgação e ensinamento dos elementos eclesiásticos era a reprodução do sistema mestre-discípulo. Este tipo de relação se reconhecia como fundamental no reino visigodo, como pode ser depreendido das palavras de Bráulio de Saragoça em sua hagiografia sobre a vida de Emiliano:

“Poniendose en camino, llegó a él, y sujetándose con ánimo resuelto bajo su disciplina, aprendió de qué manera podría dirigirse con paso firme al reino de los cielos. Esto me parece que es una lección para nosotros, a fin de que sepamos que ninguno sin maestro puede caminar rectamente a la vida bienaventurada.”

Talvez pensar em uma relação de caráter pessoal fundamentando a estrutura educacional do reino poderia sugerir um certo reducionismo. No entanto, deparamo-nos com uma importantíssima construção, em que o papel de mestre não pertence a alguém, mas sim à própria Igreja. Esta instituição se apresenta assim como um grupo especial e com uma função ímpar. Ao se posicionar como mestre, assume a função de estar constantemente direcionando os diversos grupos eclesiásticos, trazendo para si o poder de oferecer o sentido da vida e o controle da salvação. Como um bom mestre, é detentora de um *poder simbólico* reconhecido e constantemente difundido nos meios sociais. (RAINHA, 2007)

⁴ O episcopado realça entre seus membros o papel de educar e ser o bastião da educação, em especial seus anciãos. Cf.: HOMET, R. Los Viejos y La Vejez en la Edad Media: Sociedad e imaginario. Rosário: PUC – ARGENTINA, 1997.

No plano da relação pessoal – mestre-discípulo – cabe lembrar o que Le Goff trata como um dos principais fatores que permitiram o crescimento da Igreja Católica durante a Idade Média: o controle da educação.⁵

Para entendermos os fundamentos da relação mestre-discípulo na Igreja visigoda faz-se necessário destacar o papel nela assumido pelo idoso. O mais velho é, no discurso episcopal local, o responsável máximo em difundir e definir a forma como devem ser apreendidos os diversos conteúdos eclesiásticos de então.

Chama-nos atenção o prestígio e o papel destacados recebidos pelo ancião: mestre reconhecido, sendo o responsável por ensinar, dirimir questões, entre outras funções. O sistema educacional visigodo é sem dúvida pautado na tradição e no respeito à figura do mais velho. Esta característica, na qual alguns autores identificam uma forte presença germana no clero dos séculos VI e VII,⁶ é difícil de ser averiguada. No entanto, é inegável sua força na estruturação das relações mestre-discípulo no interior da Igreja.

O maior exemplo desta relação está no estabelecimento das escolas. Como já observamos Bráulio é oriundo do colégio isidoriano e ele mesmo será responsável pela educação de bispos como Tajón, seu substituto em Saragoça, e Eugenio primado do reino. Cabe lembrar que a idade avançada de Bráulio, que morre em torno dos sessenta anos, será exaltada por Eugenio em um dos seus poemas como um presente de Deus àquele que foi seu representante no trabalho eclesiástico.⁷

A responsabilidade conferida ao idoso denota sua importância como elemento ativo e reconhecido no episcopado. Sua figura, como sábio pela experiência acumulada e construtora do próprio futuro da Igreja local, vai coadunar com o trabalho de fortalecimento eclesiástico, no qual a educação tem destaque. Estes membros são mestres perante toda a sociedade intelectual, fato destacado por meio das trocas de cartas, difusão de textos clássicos, constituição de bibliotecas e, claro, da administração de escolas.⁸

⁵ Cf.: LE GOFF, J. *Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980. p. 35 – 42.

⁶ Cf.: GARCIA MORENO, L. Disidencia religiosa y poder episcopal en la España tardo antigua (ss. V-VIII). In: JAVIER LOMAS, Francisco et DEVIS, Federico (Ed.) *De Constantino a Carlomagno. Disidentes, Heterodoxos, Marginados*. Universidad de Cadiz, s/d. p. 135-158.

⁷ Cf.: AZNAR TELLO, Sandalio. *San Braulio y su Tiempo: el fulgor de una época*. Zaragoza: Heraldo de Aragon, 1985. p. 30.

⁸ Para entendermos a conotação do idoso como sábio, no reino visigodo, é necessário nos reportar a Isidoro de Sevilha, “A velhice traz consigo muitas coisas boas e más. Dizemos das boas que ela nos libera dos senhores, impõe um limite aos prazeres e debilita a violência da libido, aumenta a sabedoria e proporciona conselhos mais maduro.” Assim é fundamental entender o argumento que mesmo o que é ruim na velhice como as dificuldades do corpo são na verdade presentes que vão permitir ao idoso se dedicar

O idoso da elite eclesiástica tem um papel preponderante na Igreja do reino visigodo do século VII. A estrutura da Igreja se baseou em uma relação mestre-discípulo como modelo educacional para a sociedade. Este processo confere ao velho o favorecimento para assumir a figura de pilar da educação e transmissor de cultura. (RAINHA, 2007.)

Novas propostas de reflexão

Neste momento pretendo indicar algumas questões que pretendo mergulhar para repensar o papel da relação mestre-discípulo no interior da Igreja no século VII, ultrapassando as ligações com Bráulio de Saragoça e os idosos. Serão elas: As origens da relação pessoal na sociedade visigoda; a política visigoda, a questão da sucessão dos reis e dos bispos e o posicionamento das relações pessoais.

No princípio da década de oitenta do século passado, Jacques Le Goff (LE GOFF, 1980.) ao tratar as bases da sociedade medieval e o que a caracterizava, utilizou um modelo esquemático mas em nosso ponto de vista interessante: para entendermos a Idade Média é necessário considerarmos três correntes, o germanismo, romanismo e cristianismo.

Desde então, esta visão tem sofrido críticas severas por ser um “modelão”, uma posição que não levaria em conta grupos diversos, elementos particulares de cada localidade, entre outras mais ou menos fundamentadas. Particularmente, acredito que deveríamos observar a proposta de Le Goff com mais cuidado.

Historiador consagrado, respeitado até hoje por seus trabalhos, tem que considerar que acima das particularidades, dos espaços da individualidade, que certamente estarão presentes, existem tendências, a presença de idéias que são perpetuadas, repassadas, transformadas dentro destas especificidades. Longe de tentar resgatar a História das Mentalidades, defendo a necessidade de ao se analisar um dado momento, devemos buscar o que é comum, o que é buscado em nome da tradição, até para legitimar-se frente a sociedade. É pensar, como expressou Norber Elias no seu Processo Civilizador, que todo novo edifício de hábitos e costumes, é construído em estruturas anteriores, que ainda que sejam negadas, transformadas, mas que se mantém de alguma forma.(ELIAS, 1994.)

Assim no caso do reino visigodo vale repensar a velha questão do romanismo ou germanismo, já muito bem explicitado pela professora Leila Rodrigues (ROEDEL, S.D), e Garcia Moreno (GARCIA MORENO, 1989), as contribuições de uma tradição germânica, associada a busca pelos grupos intelectualizados por legitimar-se na cultura cristã-romana. Qual o grau, a importância, tenho consciência que é muito difícil, mas creio ser necessário repontuar, repensar e este como um dos elementos que pretendo desenvolver para elucidar as relações pessoais em especial as relações entre mestre e discípulos no episcopado visigodo.

Outro ponto que pretendo aprofunda é a relação entre as relações pessoais e as sucessões no reino visigodo. Seguramente um dos assuntos que necessitam de uma grande discussão, é a relação dos fenômenos de sucessão no reino visigodo e a importância das relações pessoais nestes eventos, seja na de cargos políticos ou eclesiásticos.

A substituição de um bispo é em concílio pensada em sua essência em uma reprodução do que é indicado para a eleição do monarca, em ambos o caso pouquíssimo aplicados, mas mesmo na prática as semelhanças são constantes, até nas exceções, e em nossa opinião a relação mestre-discípulo faz parte da estrutura política local, de que forma e qual seus elementos ainda é necessário mais trabalho.

Para tal pretendo analisar as questões de eletividade, exceções e indicações de bispos pelo monarca e questão da sucessão hereditária para monarcas comparando-a com a sucessão nos bispados por discípulos.

São questões que precisam, como iniciei falando de leituras, discussões em grupos de pesquisa e dedicação, mas assim finalizo este primeiro passo rumo a este futuro objetivo.

Bibliografia:

Fontes:

BRAULIO. The Life of St. Aemilian the Confessor. FEAR, A. T. (org. e trad.) *Live of the Visigothic Father*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997. p. 15 – 44.

ConcÍlios Visigoticos e Hispano-Romanos. Jose Vives.(ed.) *Madrid: CSIC. Instituto Enrique Florez, 1963*. IV, V e VI ConcÍlios de Toledo.

Textos de apoio:

BASTOS, Mario Jorge da Motta. Cristianismo, paganismo, relações de poder e de produção na Alta Idade Média Ibérica (séculos V/VII). In: *Atas da V Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro. 2003.

BORDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

COUTROT, A. Religião e Política. In: REMOND, R. *Para uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRIGHETTO, R. *Cultura e Poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. São Paulo: ABDR, 2000.

LE GOFF, J. *Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.

_____. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 95- 119.

_____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. p.9 -16

ROEDEL, Leila Rodrigues. *Reflexões sobre o Equilíbrio entre Romanismo e Germanismo nos Reinos “Bárbaros”*. Disponível em world wide web: <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/textos.htm>.

RAINHA, Rodrigo dos Santos. *A Educação no Reino Visigodo. As relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631 – 651)*. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2007.

VERGER, Jaques. *Homens e Saber na Idade Média*. São Paulo: Edusc, 1999.

_____. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 1990. p. 46 – 85.